

*Euclides da Cunha*



*Um sertanejo.*

Um sertanejo – Ilustração de James Wells em seu livro *Três mil milhas através do Brasil*, de 1886.

## *O sertanejo de Wells em Euclides da Cunha*

Myriam Ávila | UFMG

***Resumo:** O artigo propõe uma aproximação entre o sertanejo descrito por Euclides da Cunha em Os sertões e aquele representado pelo viajante inglês James Wells em Três mil milhas através do Brasil. Partindo da premissa de que Euclides conhecia a obra do engenheiro inglês, publicada em 1876, apresenta-se a imagem euclideana do sertanejo como uma “resposta” ao texto de Wells.*

***Palavras-chave:** viajantes, James Wells, sertanejo.*

James Wells, jovem engenheiro inglês, veio para o Brasil por volta de 1870, contratado por uma firma inglesa de construção de ferrovias (*Public Works Construction Company*), para fazer os levantamentos e agrimensura necessários para o posterior assentamento dos trilhos. Com essa missão, percorreu três mil milhas através do Brasil (este é aliás o título de seu livro de viagem), começando o seu trabalho nas imediações do rio Paraopeba, na altura de Capela Nova do Betim, seguindo para a região onde hoje se encontra a represa de Três Marias e terminando a primeira parte de seus projetos na cidade de Pirapora, no norte de Minas. Aí recebe a ordem de prosseguir até a Bahia, seguindo o rio Grande, o rio Preto e o rio Sapão até a fronteira oeste do estado. A primeira parte da viagem ocupa dois anos; a segunda, que inclui encontrar um caminho terrestre até o rio Tocantins e depois a descida do rio até o litoral norte do Brasil, mais doze meses.

O jovem Wells executa quase todo o seu trabalho sem auxílio de outro técnico, tem poucos contatos com colegas da mesma nacionalidade e conta com a colaboração de trabalhadores ocasionais, não qualificados, que vai contratando nas localidades onde acampa nas diversas etapas do levantamento. Como já passara algum tempo em Olinda, é capaz de falar e entender o português, o que lhe facilita o convívio com os brasileiros, mas pouco alivia sua solidão, pois raras vezes durante a viagem encontra interlocutores com um repertório próximo o suficiente do seu para sustentar com ele uma conversação proveitosa para ambos.

Tratando quase sempre com homens analfabetos e muitas vezes incapazes de entender o seu título profissional, James Wells tem dificuldade em impor-lhes um senso de hierarquia, que se basearia não só no conhecimento técnico e nos diversos equipamentos da vida moderna que carrega consigo e domina, mas também no poderio imperial e econômico de seu país de origem. Seu papel de arauto da civilização, construtor de estradas de ferro, tampouco é reconhecido pelos habitantes do sertão, que o têm apenas como objeto de passageira curiosidade. O inglês retribui com um olhar irônico e derrisório e as costumeiras imputações de preguiça e imprevidência.

Incomoda-o principalmente a postura caída e frouxa dos sertanejos, sua falta de ânimo para o trabalho, seu descaso para com as possibilidades de empreendimento lucrativo, seu conformismo.

Na segunda parte da viagem, Wells perde todo o contato com os colegas da firma e convive intensamente com os sertanejos, primeiro em uma viagem de canoa pelos rios mencionados e depois a cavalo, pelo sertão de Goiás. Surge nessa parte do livro um outro sertanejo, capaz de remar doze horas seguidas sem se alimentar, sem se queixar, sem se abalar com incidentes de certa gravidade. O viajante passa então a duvidar da própria superioridade e a se envergonhar da própria indolência. Quando então, ao fim de longos meses, retorna ao litoral e aos grandes aglomerados urbanos, retoma o discurso do colonizador e o orgulho nacional britânico.

Seu livro de viagem é publicado em 1886. O autor envia em novembro daquele ano um exemplar a D. Pedro II. Embora não seja certo que Euclides da Cunha tenha lido esse livro, o nome do engenheiro inglês aparece entre os de outros viajantes no mapa geológico da Bahia incluído em *Os sertões*, como uma de suas fontes. Wells comenta em seu texto que “os cartógrafos brasileiros [...] seguiram minuciosamente os meus levantamentos” (Vol.II, p.287),

e dá a entender que tinha contato com o Instituto Histórico e Geográfico. Seu livro certamente constava do acervo da instituição, da qual Euclides tornou-se membro apenas em 1903, mas em cuja biblioteca poderia ter pesquisado já anteriormente, durante a escrita de *Os sertões*.

Esta comunicação pretende agora propor o livro *Três mil milhas através do Brasil*, de James Wells como um importante intertexto de *Os sertões*. Há quatro anos fiz a mesma sugestão com relação a *Grande sertão: veredas* durante o 5º Congresso da Abralic, no Rio de Janeiro e voltei ao tema no Iº Seminário Internacional Guimarães Rosa, em Belo Horizonte, em 1998. O interesse da aproximação reside no fato de ser James W. Wells o único viajante que convive em pé de igualdade com o sertanejo e tenta retratá-lo por inteiro, sem partir do modelo romântico do homem natural ou do exótico. Sua compreensão do sertanejo passa pelo mesmo esquema narrativo depois adotado por Euclides da Cunha no capítulo “O homem” de sua obra maior. O ensaio sobre o sertanejo destaca-se, segundo Luiz Costa Lima<sup>1</sup>, como o mais significativo dentro da estratégia discursiva de *Os sertões*, por encarnar o dilema enfrentado por Euclides na tentativa de dar sentido ao episódio de Canudos.

Esse dilema se reflete exemplarmente na figura contraditória do sertanejo que surge das páginas de Euclides, na tentativa de superação de seus paradoxos argumentativos pela divisão mestiço retrógrado/mestiço degenerado e visualiza-se de modo magistral na imagem do sertanejo que se transforma, em segundos, de “desgracioso, desengonçado, torto” em “titã acobreado e potente”.

A mesma transformação se observa no livro de James Wells, não de forma tão evidente nem com tal força expressiva, mas de maneira dispersa e recorrente, em fragmentos, o que permite ao inglês quase que ignorar as contradições do seu texto e reiterar o discurso do dominador ao fazer, no fim do livro, um apanhado de suas experiências no Brasil. Como o inglês percorreu durante meses seguidos um sertão pouco habitado, em companhia unicamente dos nativos da região, poder-se-ia afirmar que teve até mais oportunidades de observar suas características do que Euclides da Cunha, que viajava junto às tropas do governo.

A atitude do engenheiro estrangeiro diante do observado é semelhante à proposta pelo engenheiro brasileiro, ao cabo de seu esforço interpretativo da

1. Em *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PETROBRÁS, 2000. Passim.

gênese do sertanejo, quando diz: “Sejamos simples copistas. Reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras, ou ilusórias, que tivemos...”. Ambos, de certa forma, reconhecem a insuficiência dos modelos narrativos de que dispõem diante de uma realidade singular, mas confiam, pragmaticamente, no testemunho dos sentidos. O que vêem e ouvem no sertão baiano é muito semelhante, mas, dado o intervalo de aproximadamente vinte anos entre uma e outra viagem, e a variada leitura com que Euclides da Cunha buscou embasar o seu texto, o autor de *Os sertões* poderia ter tido em mente, enquanto escrevia, se não o relato de James Wells em particular, pelo menos as tantas desabonadoras observações de diversos viajantes estrangeiros sobre o homem do interior do Brasil. O que acrescentaria um novo sentido à expressão “Sejamos simples copistas”..., pois se trataria então de reproduzir “passando a limpo” as impressões desses viajantes e denunciar assim seu caráter parcial e enganoso.

De qualquer forma, a aproximação que se impõe ao leitor de ambas as obras representa mais um passo na recepção contemporânea de *Os sertões*, na tentativa de apreender sentidos potenciais do texto, dentro da perspectiva proposta por Luiz Costa Lima,<sup>2</sup> que é a de uma comunidade de leitores ativos, da qual dependerá “o grau de atualidade que [a obra] será capaz de manter”. Trata-se aqui dos princípios da teoria da recepção como foram esboçados por Hans Robert Jauss, segundo os quais cada época descobrirá novas questões e novas respostas em uma obra dada.

Passemos, então, à enumeração de alguns trechos de *Três mil milhas através do Brasil* que mantêm um instigante paralelismo com o retrato do sertanejo feito por Euclides:

“Escolhi uns poucos homens para trabalhar comigo, mas foi-me dado a entender que estavam fazendo um grande favor em entrar a meu serviço. Um homem que conchilava em um banco, em resposta à minha pergunta se ele queria ou não trabalhar para mim, deu um terrível bocejo e disse que talvez em uma semana ou duas pudesse ir, mas que agora estava muito ocupado; ele parecia ter passado uma semana dormindo.” (I, 215)

“Uma casa vazia foi logo obtida para nos alojar e, dali a pouco, lá apareceram todos os ociosos. Eles se recostavam na porta, escoravam nas aberturas das janelas ou em qualquer coisa que lhes servisse de apoio [...]” (I, 290)

2. Op. cit., p.55.

“De repente, a luz que vem da porta é obscurecida por uma figura escorada, que reclina suavemente contra a ombreira da porta, frouxo como uma trouxa de roupa molhada [...] um outro, e mais um outro, chegam, e escoram o corpo em um cantinho conveniente, ou um no outro...” (I, 300)

“... a primeira coisa que chama a atenção do recém-chegado da Europa é a quantidade de gente que se vê em toda parte, apoiada ou reclinada em atitude de preguiça total, como se seus ossos tivessem sido extraídos dos corpos.”(I, 301)

“eles apaticamente assistiam a nossas preparações para a noite, o homem acorçado sobre os calcanhares com os braços estendidos e os cotovelos apoiados nos joelhos” (I, 309)

Compare-se com a passagem da parte III do capítulo “O homem”:

“É desgracioso, desengonçado, torto. [...] O andar sem firmeza, sem aprumo [...] aparenta a traslação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra [...]. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar [...] cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés [...].

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude” [S, 179-180]

Euclides da Cunha alerta a seguir que “toda essa aparência de cansaço ilude”. Em James Wells a transformação se dá quatro páginas após a última passagem citada:

“Os barqueiros devem ter a constituição e o físico de um árabe. O trabalho de um longo dia de esforço laborioso de propelar o barco correnteza acima, com pesadas varas de vinte a vinte quatro pés de comprimento, não apenas requer músculos e histamina, mas também considerável experiência.” [I, 313]

“Eles são sujeitos de esplêndida constituição física e seu menor movimento mostra o jogo dos músculos poderosos nos braços e no peito; o sol bate em seus corpos nus tão indiferentemente como na água” [II, 58]

“...não pude deixar de sentir admiração pelo capitão e pela tripulação, que empregavam suas forças longa e pacientemente em seu árduo trabalho; de manhã escaldante a noite escaldante, não importa quão difícil o obstáculo, ou quão grande o desapontamento causado pela corrente do rio a carregar para longe a barca, pondo a perder os resultados de trabalho pesado; nenhum resmungo era ouvido [...] eles trabalhavam com a paciência de formigas.” [II, 58-59]

“Lembro-me de vê-los com os olhos dilatados, dentes cerrados e corpos curvados, aferrados a suas varas com uma firmeza tenaz, dando estocadas rápidas em, para mim, não sei o quê; a balsa dá guinadas, mergulha e rodopia, às vezes totalmente submersa...[...] Ainda assim, a tripulação mantém o autodomínio e ombro a ombro empunham suas varas e arremetem com elas, com uma força hercúlea, contra uma pedra próxima, no esforço de libertar dela a balsa...” [II, 161]

Os trechos citados correspondem a diferentes viagens, por rios diversos e com tripulações diversas. Poderíamos citar ainda algumas frases esparsas de admiração pelo sertanejo em terra, menos enfáticas do que as já mencionadas, mas isto alongaria indevidamente a presente exposição.

Wells não tenta reconciliar as duas imagens contraditórias do habitante do sertão brasileiro e não se dá conta de que só reconhece qualidades positivas naqueles que estão convivendo diretamente com ele em algum momento. Assim que se afasta de um trabalhador brasileiro que o acompanhou em determinado trecho da viagem, passa a vê-lo imediatamente como desordeiro, preguiçoso e beberrão. Uma das suas avaliações finais do sertanejo afirma que “considerando que estas pessoas estão totalmente habituadas à solidão de uma região selvagem, se elas apenas se esforçassem para fazer uma quantidade razoável de trabalho diário, poderiam viver naquilo que lhes pareceria um verdadeiro paraíso. É uma cena triste ver as profundezas de degradação a que seres aparentemente civilizados podem descer.” (II, 168)

Euclides também termina o seu instantâneo do sertanejo-titã com a recaída deste no marasmo habitual:

“Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta, com a aparência triste de um inválido esmorecido.

O *gaúcho* do Sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado.” (§,181).

As páginas citadas de *Os sertões* derivam sua força justamente da composição de opostos tão extremados em um único tipo humano. A meu ver, essa visão sintetizadora, que já está presente no capítulo anterior, quando a natureza inóspita se torna, com a vinda da estação chuvosa, um paraíso, dialoga intensamente com as crônicas dos viajantes estrangeiros. Podemos ver nesse diálogo uma tentativa de retificar ou conciliar a normalmente desabonadora visão do sertão por esses viajantes com aquela força impalpável que lhes passou despercebida e que fez de Canudos um episódio ímpar e impressionante. Toda a sua postura pragmático-científica exige de Euclides da Cunha, entretanto, que acolha as observações dos viajantes do século XIX, eles mesmos cientistas e pragmáticos, como legítimas.

Estabelecer com justeza em que medida a literatura estrangeira sobre o Brasil fornece um intertexto ou uma base dialógica para a escrita de *Os sertões* demanda uma longa pesquisa. Minha hipótese aqui é de que as primeiras construções textuais do sertão realizadas na literatura de viajantes estão constantemente presentes na consciência que preside à escrita da obra-prima de Euclides da Cunha.

*Abstract: This article compares the sertanejo as described by Euclides da Cunha in Os sertões to that represented in the 19<sup>th</sup> century English traveler James Wells's Three thousand miles through Brazil. Having established that Euclides knew the 1876 book by the engineer Wells, Euclides's text is approached as a response to it.*

*Key words: travel literature, James Wells, sertanejo.*